

ESTUDO SOBRE A AÇÃO FRANCESA

- Sua história. Suas idéias -

Luiz Gonzaga de Albuquerque Brito*

O Autor nos dá uma idéia do que foi a "Ação Francesa" e dos conflitos que ocasionou. E diz: "Movimento de idéias, tanto quanto movimento de ação política, a Ação Francesa foi fundada em 1899 por Henri Vaugeois, tornando-se em pouco tempo o órgão dos neo-monarquistas..." A ela se filiaram personagens ilustres como Charles Maurras e outros. Relacionados com a "Ação Francesa" encontramos o caso Dreyfus, as idéias de Augusto Comte... O nacionalismo exagerado da Ação Francesa conflitou ensinamentos da Igreja Católica. Sucederam-se atritos e condenações aos quais somente Pio XII conseguiu colocar fim.

Não é sem razão que André Latreille, um dos mais renomados historiadores franceses da atualidade, diz ser "A Ação Francesa a expressão a mais acabada da osmose entre nacionalismo e religião", mas isto não deve nos fazer esquecer que o "nacionalismo" não é um fenômeno novo na história dos povos, nem sob nenhuma latitude. Aqui, mesmo entre nós, isto já ocorreu, como foi o caso quando do chamado "Movimento Integralista", que pretendia, a exemplo do caso gaulês, fazer com que o Brasil reencontrasse através de uma ação política, onde a religião e o nacionalismo eram exaltados e cultuados, os seus valores tradicionais.

No caso francês, no entanto, este fenômeno tem características "muito especiais", como tudo por sinal que provém

deste grande país. Assim parece-nos que a Ação Francesa tem um aspecto de "jeunesse folle" e de rígida obstinação no que diz respeito à defesa da Tradição Francesa (identificada com um regime, no caso a monarquia) e do passado.

Movimento de idéias, tanto quanto movimento de ação política, a Ação Francesa foi fundada em 1899 por Henri Vaugeois, tornando-se em pouco tempo o órgão do neo-monarquismo, e o "lugar de encontro dos conservadores e dos inimigos da democracia" como o diz, com precisão, André Latreille, quando ingressa nas suas fileiras Charles Maurras, que iria definitivamente marcá-la com suas idéias.

Maurras, ao filiar-se à Ação Francesa, já era autor de obra literária de reconhecido valor (O Caminho do Paraíso, Antinéa). Estas obras são, no entanto, de gosto e de inspiração duvidosos, posto que de um perfeito amoralismo. Suas teses filosóficas (extraídas do seu livro Antinéa, livro que é também o fundamento de sua política) são muito pouco cristãos, e não deve ser motivo de surpresa para ninguém, verificar que Maurras coloca como princípio fundamental que "a ordem da política e a ordem da consciência são distintas".

Excelente teórico da ciência política, estava Maurras convencido da utilidade social do catolicismo, "catolicismo amelhorado pelos séculos", e soube com a sua sensibilidade política, quando do famoso caso Dreyfus (que é de fato o ponto de partida da Ação Francesa), tocar a corda sensível dos seus compatriotas, chamando-os à luta contra os "Princípios de 1789".

Era o apelo à "Contra-Revolução", a nova cruzada, a qual iria de imediato, valer-lhe a incondicional simpatia dos "meios integristas", apesar de esconder para eles o amoralismo da sua doutrina política. A direita, encantada com a sua coragem, via nele o paladino da França católica, contra as infiltrações do espírito democrático entre os jovens, do

* Luiz Gonzaga de A. Brito é ex-professor do Departamento de Filosofia da UFPE

laicismo, do protestantismo, dos judeus. Maurras com o seu sistema político e social, calcado sobre aquele do seu mestre Augusto Comte, queria uma ditadura hereditária, onde a hereditariedade estivesse embasada no direito advindo do nascimento.

Aliás, segundo Louis Dimier no seu livro "Vinte Anos de Ação Francesa": "Comte, fundador da doutrina, tinha feito o projeto de associar à sua ação os católicos para vencer as forças da anarquia, desenvolvidas pela revolução. Maurras tinha na cabeça realizar esta aliança, convidando, segundo o princípio do Mestre, todo aquele que acreditava em Deus a fazer-se católico, todo aquele que não acreditava a fazer-se positivista; mediante o que, os protestantes estando supressos por um lado, do outro, os panteístas e os idealistas, fomentadores de Revolução, a ordem monárquica tradicional não encontraria nenhum obstáculo".

Quando pensa-se então no nacionalismo maurrasciano, tão múltiplo nas suas origens, é possível então dele encontrar um perfeito eco na declaração de princípios dos membros da Ação Francesa: "Um verdadeiro nacionalista coloca a pátria acima de tudo".

Nacionalismo integral, estreito, que torna o sistema de Maurras impraticável em política internacional e coloca a França em estado de permanente hostilidade com o restante do mundo, sendo ainda a expressão do desconhecimento dos princípios religiosos e morais, aos quais toda ordem cristã é submissa.

Um cristão não pode aceitar (porque isto não é verdade) que a experiência ensina todas as leis da vida política, como também não é verdade que a moral possa ser de modo absoluto subordinada ao interesse nacional.

Um outro ponto de desacordo da doutrina da Ação

Francesa com a doutrina católica, diz respeito aos meios de realizar o bem público, porque é de maneira equivocada que sua doutrina é expressa: "Eu me engajo, jura o adepto, a servir a obra da restauração da monarquia por todos os meios". Outra característica do movimento era a sua combatividade agressiva, o gosto da disputa, o que levava os seus chefes a atacarem as pessoas, bem mais que as idéias, e, além disso, a manterem um clima de luta, pouco propício, por sinal, à causa católica.

A obra de Maurras, foi admirada, no seio do próprio episcopado francês e do clero, bastando citar, entre tantos, a figura do teólogo Cardeal Billot S.J. e do R.P. Le Floch C.S. Sp., este último reitor do Pontifical Seminário Francês de Roma. No entanto esta admiração não era unânime e logo começaram a surgir as dificuldades, tanto assim que já em dezembro de 1912, Mons. Guillibert, bispo de Ferjus e Toulon, denuncia "la tornure sophistiquée" do espírito de Maurras e os perigos aos quais vai necessariamente chegar.

A reação romana não se fez esperar, começando no pontificado do Papa Pio X, e atingindo seu clímax, com a condenação definitiva, no pontificado do Papa Pio XI, em dezembro de 1926. Coube finalmente ao Papa Pio XII, em julho de 1939, admirável figura de diplomata e pastor que foi, por um ponto final neste "affaire", que tanto perturbou a consciência cristã dos franceses e que mesmo sendo um assunto específico da "Église de France", também perturbou a todo Mundo Cristão.